



Crônicas do Socorro //

Ficha técnica

Regimento de Sapadores Bombeiros

Título **Crónicas do Socorro II**

Coleção **Crónicas do Socorro**

Coordenação **Carla Boto Pereira, Miguel Gil**

Textos **Paula Serafim**

Revisão **Ana Loureiro**

Design **Isilda Marcelino**

Tiragem **500 exemplares**

Depósito Legal **472176/20**

Edição **Lisboa, 2020**

Foto de capa: **Capacete do CBM de Lisboa, modelo de couro e metal, usado em uniformes de gala [finais do século XIX, princípios do século XX] ©Júlio Barreiros**

A coleção ***Crónicas do Socorro*** pretende dar a conhecer a importância dos Bombeiros e do Serviço de Incêndio de Lisboa, através de episódios significativos da sua História.



Crônicas do Socorro II



Farolim do Auto Primeiro Socorro n.º 1
Brasier, de 1906, adaptado a viatura
de socorro em 1912. ©Júlio Barreiros

Crónicas de Socorro II

Na Europa acabara a I Guerra Mundial havia pouco tempo. A situação de Portugal era atribulada, os bens essenciais escasseavam, o Estado estava arruinado e a epidemia da *pneumonia* dizimava milhares de pessoas.

O país recuperava da morte de Sidónio Pais, assassinado a 14 de dezembro de 1918, e embora o início do ano se viesse a revelar conturbado, ao longo dos meses a situação viria a melhorar.

Recuemos 100 anos no cenário nacional e relembremos o ambiente da capital nos primeiros meses de 1919.



1919 – A revolta monárquica e os bombeiros municipais de Lisboa

O regime presidencialista de Sidónio Pais apresentava-se como um regime híbrido, de alguma forma autoritário com marcas republicanas, mas logo após o seu assassinato a expectativa da restauração da Monarquia em Portugal é sentida por alguns.

Juntas militares no seio do Exército, com convicções políticas opostas ao regime, foram formadas. De um lado havia os partidários da República do outro os apoiantes do regresso à Monarquia.

A ideologia monárquica teve fraca adesão em Lisboa mas veio a destacar-se pela Junta Militar do Norte, claramente adepta do regresso do rei, assumindo o poder na região, com a nomeação de autoridades monárquicas para os cargos de maior relevância política, militar e civil e ainda outras medidas simbólicas como a substituição da bandeira nacional pela azul e branca.

Para liderar este movimento, a figura escolhida foi o capitão Henrique Paiva Couceiro, conhecido pela sua antiga luta

de regresso ao regime monárquico, que proclama a restauração da monarquia na cidade do Porto, acontecimento designado como *Monarquia do Norte*, oferecendo resistência entre 19 de janeiro e 13 de fevereiro de 1919.

Em Lisboa, João Tamagnini de Sousa Barbosa, ministro do Governo, após a morte do Presidente Sidónio Pais e no desenrolar dos acontecimentos, põe em prática uma governação algo indefinida, tentando apaziguar ambas as orientações políticas, pró-monárquica e pró-republicana, receando uma guerra civil no país.

8

Como oposição a esta dúbia governação algumas guarnições militares, descontentes com a ideia de um regime republicano, decidem instalar-se na serra de Monsanto e daí bombardear a capital.

Os dias 23 e 24 de janeiro de 1919 iriam ficar na história do Corpo de Bombeiros Municipais, em Lisboa. Estes foram dias de medo e de pânico sentidos pela população, a quem não faltou a comparência apaziguadora, a ajuda e a atenção destes profissionais de socorro.

23 janeiro 1919, quinta-feira

Às 13h30 um particular, não identificado, liga para a Central Telefónica dos bombeiros a dar o alarme de um grande desastre provocado por “*rebentamento de granadas*”, numa habitação na rua Saraiva de Carvalho, n.º 143, na freguesia de Santa Isabel.

Nesta explosão foram mortalmente atingidos os menores, Afonso Gil Ferreira de 5 anos, Bernardino Gil Ferreira de 3 anos e Ester dos Santos Silva de 10 anos, cujos corpos foram retirados pelos bombeiros em automaca para a morgue do hospital. As explosões continuavam perto deste local e a comandar as operações estava o chefe da 3.ª Secção, Alfredo Lacerda.

Às 14h25, os bombeiros voluntários de Campo de Ourique dão alarme para a Central do Quartel n.º 1 de um começo de incêndio provocado pela explosão “*de uma granada dirigida da Serra de Monsanto por motivo da revolução*”, numa habitação da rua das Amoreiras, n.º 163, freguesia de São Mamede.

O fogo, com início em roupas de cama, sem dificuldade foi apagado com vasilhas de água. Embora os bombeiros muni-



cipais tivessem ocorrido ao local, não foi necessário utilizar material do Corpo. Não houve feridos e o fogo foi dado como extinto às 15h11. O chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso, foi quem dirigiu os trabalhos de extinção.

À mesma hora na Central, outro telefonema dá o alarme de explosão de “*uma granada por motivo da revolução*”, no pátio do prédio mesmo ao lado, o n.º 161, na rua das Amoreiras. O fogo já tinha entrado dentro de uma barraca e provocado grandes estragos. É o chefe João Victor Pedroso que comanda também esta operação.

10

Às 15h20, o Sr. Ferreira de Mesquita, pelo seu telefone particular, avisa a Central Telefónica de “*rebetamento de uma granada por causa da revolução*”, que tinha explodido no telhado de um prédio, na travessa de São Marçal, n.º 9, freguesia das Mercês.

Não se registaram feridos, mas para apagar o incêndio que começava a alastrar acorreram ao local a autobomba n.º 1, a bomba n.º 14, o carrinho de mangueiras n.º 4 e a escada Magirus n.º 4, com as respetivas guarnições. O bombeiro

n.º 206, que se encontrava de folga, compareceu prestando ajuda. Os trabalhos de extinção são de novo coordenados pelo chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso.

Às 15h31, um particular não identificado telefona para a Central a dar o alarme de “*rebentamento de uma granada por causa da revolução*” que havia explodido junto do rés do chão do n.º 81, na rua Nova do Loureiro, freguesia das Mercês. Tabiques e frontais de madeira, vãos de portas, janelas e vidros ficaram destruídos, não havendo feridos com gravidade a registar.

Sem necessidade de mais material, o auto 1.º socorro e a sua tripulação deram o trabalho por concluído às 16h22. Mais uma vez, o chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso foi quem dirigiu os trabalhos, contando com a ajuda do bombeiro n.º 157 que estava de folga nesse dia.

À mesma hora, a Central recebe outro telefonema a dar o alarme de explosão de “*uma granada por causa da revolução*”, junto ao prédio n.º 117 na mesma rua, provocando muitos estragos nas paredes exteriores e em madeiras no interior, não havendo feridos a registar. O material de socorro e o pessoal que aí se encontrava, inclusive o bombeiro n.º 157 e o chefe, João Victor Pedroso, acorreram de imediato ao local.



FRANCO, Anselmo. Barricada feita pelos militares e civis que defendiam o Quartel de Artilharia 1, em Campolide, onde esteve instalado o quartel-general das tropas republicanas em operações contra a revolta monárquica de Monsanto. 1919. Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/EFC/001924

Às 15h40, um particular de nome José Maria, através da rede telefónica geral para a Central Telefónica do Corpo de Bombeiros, dá o alarme de explosão provocada pelo “*rebetamento de uma granada por causa da revolução*” com grandes estragos no 3.º andar do prédio n.º 87, na travessa do Abarracamento de Peniche, freguesia das Mercês, onde paredes, escada, portas e outro madeiramento haviam sido destruídos.

Compareceram ao aviso o chefe da 5.ª Secção acompanhado dos seus homens e respetivo material, incluindo o bombeiro n.º 157 que se encontrava na zona.

Às 16h20, um particular anónimo pediu socorro pela rede civil para um “*rebetamento de uma granada por causa da revolução*”, cuja explosão tinha provocado grandes estragos no telhado e claraboia do prédio n.º 9, na calçada do Tijolo, freguesia das Mercês.

No 2.º andar, tabiques e madeiramentos da escada e da habitação tinha sido destruídos. Nesta operação, mais uma vez, intervieram a mesma viatura dos bombeiros e guarnição, dirigidos pelo chefe João Victor Pedroso, que se encontravam nas imediações. O trabalho foi dado como concluído às 16h53.

À mesma hora e os mesmos bombeiros, material e chefe, devido à proximidade das ocorrências, responderam ao alarme de um outro pedido de socorro para um *“rebentamento de granadas por causa da revolução”* perto da loja n.º 138 e também no rés do chão do prédio n.º 128, na rua do Século, cujas explosões tinham aberto buracos na fachada, partindo vidros, caixilhos e portas.

Às 16h30 é feita a chamada de alarme pelo bombeiro n.º 157 d’ *“o rebentamento de uma granada por causa da revolução”* que tinha provocado estragos na via pública, na travessa do Abarracamento de Peniche, informando não ser preciso a presença de bombeiros.

Efetivamente não foi necessária a intervenção do pessoal e material de socorro, mas ainda assim o chefe da 5.ª Secção enviou dois bombeiros ao local para observação da ocorrência, confirmando que os estragos eram ligeiros e aí permanecendo até às 16h56.

Às 16h36, é dado o alarme pelo Sr. Armando Batista, através do telefone do Quartel n.º 4, de *“rebentamento de uma granada por causa da revolução”* provocando grandes estragos materiais no prédio n.º 57, na rua da Vinha, freguesia das Mercês.



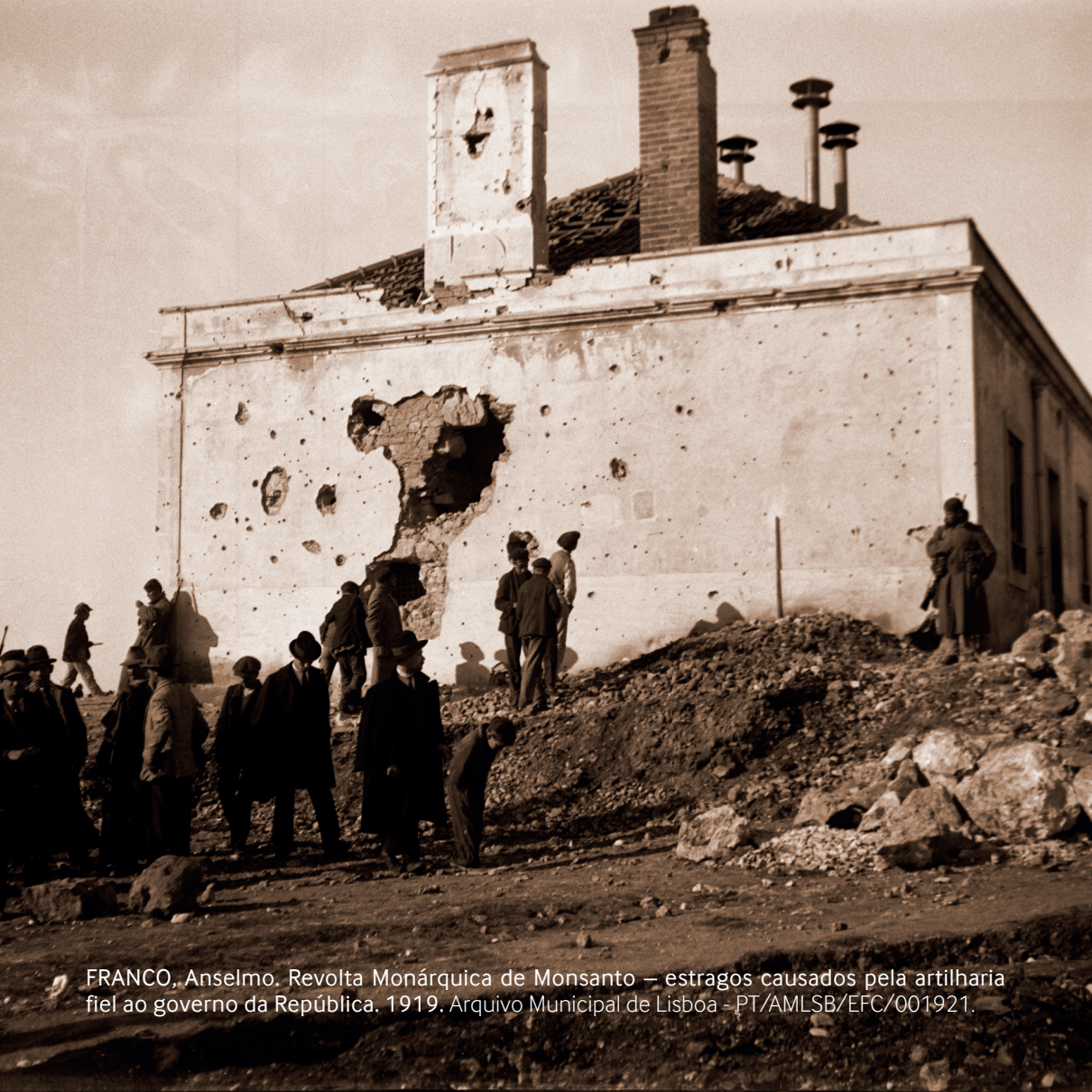
Ao local acorreram três bombeiros e um bombeiro-auxiliar para observarem os estragos. Não havendo feridos a registar, tomaram conta dos danos, tal como tinham feito nas ocorrências anteriores.

Quando o alvo dos revolucionários sitiados na Serra de Monsanto muda um pouco, já ao final da tarde do dia 23 de janeiro, às 17h40, um particular não identificado dá o aviso para a Central Telefónica do Comando de *“rebentamento de uma granada por causa da revolução”* com grandes estragos no prédio n.º 41 da rua do Arco do Carvalhão, na freguesia de Santa Isabel.

A esta chamada compareceram a autobomba n.º 1 com quatro tripulantes, o chefe da 1.ª Divisão e o bombeiro n.º 72 que registou a ocorrência.

Nesta explosão registou-se a morte da inquilina do 1.º andar, Ana da Conceição Ferreira, e o transporte para a morgue do hospital da Penitenciária.

Cerca de vinte minutos depois, às 17h55, é dado o aviso de outro *“rebentamento de uma granada por causa da revolução”* cuja explosão acabaria por provocar o começo de incêndio



FRANCO, Anselmo. Revolta Monárquica de Monsanto – estragos causados pela artilharia fiel ao governo da República. 1919. Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/EFC/001921.

no prédio n.º 121, na rua da Escola Politécnica, freguesia de São Mamede.

O fogo tem início num quarto de dormir, consumindo com intensidade crescente roupas, vigas e forros dos tetos e soalhos, destruindo o 2.º e 3.º andar.

Como meios enviados para o local registaram-se a bomba *Flaud* da Estação dos Bombeiros n.º 14 e respetivo pessoal, a quem se juntou o bombeiro n.º 157, o bombeiro n.º 132, que registou o acontecimento e o chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso, que mais uma vez dirigiu os trabalhos de extinção do fogo e consequente rescaldo.

Às 18h, o bombeiro n.º 112, de serviço à Central Telefónica do Quartel, recebe o aviso de *“rebentamento de uma granada por causa da revolução”* de um particular não identificado. A explosão causa grande destruição e incêndio no rés do chão de um prédio na rua do Século.

Deslocam-se para o local a autobomba n.º 1, as autoescadas Magirus n.º 1 e 7 e o carrinho de mangueiras n.º 4 cuja guarnição perfazia um total de vinte e dois bombeiros, sete bombeiros-auxiliares, quatro bombeiros que estavam de folga,



entre eles o n.º 157 e o n.º 206 que já tinham ocorrido a outros pedidos de socorro, os chefes da 3.ª e 5.ª Secção e ainda o bombeiro José Garcia, que registou toda a ocorrência.

Depois da extinção do fogo, e com receio de reacendimentos pela quantidade de escombros existentes, ficaram de prevenção a escada Magirus n.º 7 e o carrinho de mangueiras n.º 4, com os bombeiros n.º 189, 191, 198 e 200 do Quartel n.º 4, os bombeiros n.º 115 e 119 do Quartel n.º 7 e os bombeiros-auxiliares n.º 130 e 132 da Estação do Jardim do Regedor.

...

A tentativa de conquistar Lisboa e restaurar o poder monárquico por bombardeamentos continuou no dia seguinte, 24 de janeiro, uma sexta-feira difícil, que viria a registar-se pouco eficaz na estratégia para derrotar os apoiantes da nova República.



24 janeiro 1919, sexta-feira

Às 8h10 da manhã, um bombeiro dá o alarme, pela rede civil para a Central do Quartel de Bombeiros Municipais, de “*re-bentamento de uma granada*” na loja de barbearia existente no prédio n.º 93, na rua de Campolide, freguesia de São Sebastião da Pedreira.

Esta explosão origina o princípio de incêndio que rapidamente alastra aos materiais inflamáveis presentes na loja, tomando paredes, teto e soalho. Para o local acorrem a autobomba n.º 21 com quatro bombeiros e três bombeiros-auxiliares, acompanhados pelo chefe da 3.ª Secção, Alfredo Lacerda, e pelo chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso, que coordenam os trabalhos na extinção do fogo, orientando a execução de golpes de machado a fim de dominar com maior eficácia o incêndio, que viria a ser extinto às 8h45.

Foi coadjuvante desta operação o chefe José Carlos Petrony que registou ao pormenor toda a ocorrência.

Às 8h41, pelo telefone da rede civil, é dado outro alarme por um particular que não se identifica, pedindo socorro para



FRANCO, Anselmo. Revolta Monárquica de Monsanto – estragos causados pela artilharia fiel ao governo da República. 1919. Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/EFC/001921.



o “*rebentamento de uma granada por causa da revolução*” no prédio n.º 151, na rua das Amoreiras, freguesia de São Mamede.

Chegam ao local os bombeiros da guarnição da escada Magirus n.º 7, com o reforço de mais sete colegas, entre eles o bombeiro n.º 206 que embora estivesse no 2.º dia da sua folga acorreu à chamada. Os trabalhos foram dirigidos pelo chefe da 3.ª Secção, com o apoio do chefe da 5.ª Secção e a verificação dos intervenientes pelo Chefe Petrony.

Às 9h03, o chefe da 5.ª Secção telefona da Estação n.º 10 para a Central a dar o aviso de mais um “*rebentamento de uma granada dirigida da serra de Monsanto por causa da revolução*”, provocando grandes estragos nas paredes do prédio n.º 31, na rua do Arco do Carvalhão, freguesia de Santa Isabel.

Esta explosão originou o início de um incêndio em roupas existentes num quarto do 2.º andar, alastrando o fogo a tudo o que era de madeira.

O fogo foi combatido pelo anterior grupo e respetiva viatura, com recurso a terra e a água, e dado como extinto meia hora depois.

Às 9h30, é recebido na Central Telefónica do Comando dos Bombeiros o telefonema de um soldado dando o alarme de *“rebentamento de uma granada por causa da revolução”* na ermida de Nossa Senhora de Monserate, situada na praça das Amoreiras, freguesia de São Mamede.

A explosão dá-se sobre o telhado, destruindo parte do interior da ermida, mas graças à rápida comparência do pessoal dirigido pelo chefe da 5.^a Secção, vindos da rua do Arco de Carvalhão, o fogo não se propaga e a igreja é poupada.

A 1.^a intervenção é feita pelo bombeiro n.º 206, ajudado pelos companheiros n.º 114 e 49, conforme ocorrência





FRANCO, Anselmo. Revolução Monárquica de Monsanto – Populares examinando a artilharia dos revoltosos, junto ao Forte de Monsanto, após a derrota dos monárquicos. 1919. Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/EFC/001926.

registada pelo chefe Inácio António Manuel, no momento de verificação dos estragos.

Às 9h50, é dado o alarme pelo telefone do Quartel n.º 4, por um particular não identificado, para a Central Telefónica de *“rebetamento de duas granadas seguidas, por causa da revolução”* na praça do Rio de Janeiro, junto do prédio n.º 3, freguesia de São Mamede.

As explosões atingem as paredes do prédio, chegam ao saguão, destroem portas, caixilhos de janelas e partem todos os vidros. A este pedido de socorro comparecem os bombeiros da equipa coordenada pelo chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso, incluindo o bombeiro n.º 206, que ainda estava no rescaldo da ermida de Monserrate.

Às 10h, soa de novo o alarme dado pelo Sr. Carlos Costa, do telefone do Quartel n.º 1 para a Central, sobre o *“rebetamento de uma granada por causa da revolução”* que tinha atingido o prédio n.º 26 na rua da Palmeira.

Devido à proximidade dos casos e por ser mais rápido, acorreram a esta chamada os mesmos bombeiros e material, comandados pelo chefe Pedroso da 5.ª Secção. O 2.º andar estava praticamente devastado e os caixilhos e as janelas do 1.º andar destruídos.



A esta equipa juntaram-se os bombeiros n.º 170 e 270 que, embora de folga, quiseram colaborar contribuindo na rápida conclusão dos trabalhos registada às 10h30.

Às 10h07, um particular não identificado liga para a Central Telefónica e avisa sobre o “*rebentamento de uma granada por causa da revolução*”, na rua do Jasmim, junto ao n.º 11, na freguesia das Mercês.

Pouco tempo depois, bombeiros e viatura compareceram no local para registar os estragos que vinham sendo habituais: caixilhos, portas, janelas, madeiramento de soalhos e tetos. Por volta das 10h30 os trabalhos são dados como finalizados.

Às 10h18, pelo telefone do Quartel n.º 4, outro particular não identificado dá o alarme de “*rebentamento de uma granada por causa da revolução*” que tinha atingido as paredes do prédio n.º 35, no Alto do Longo, indo cair no pátio interior do rés do chão.

O chefe da 5.ª Secção dirigiu-se ao local para verificar os estragos e resolveu não chamar o material de socorro por ser desnecessário.

Cerca de uma hora mais tarde, às 11h16, o bombeiro n.º 39, de serviço ao depósito de material do Arsenal, comunica por

telefone com a Central e dá o alarme do “*rebentamento de granadas pela revolução*”, informando que estas tinham “*arrombado paredes, destruído tectos, canalizações da água e muitos outros materiais*” existentes no edifício principal do Arsenal da Marinha, na rua do Arsenal, freguesia de São Julião.

Esta ocorrência afigura-se com alguma gravidade e para o local deslocam-se um grande número de viaturas: auto 1.º socorro n.º 17, bomba n.º 1, escadas Magirus n.º 1, 4 e 8, charrete n.º 1, carrinho de mangueiras n.º 14 e autobomba n.º 15, com o respetivo pessoal, contabilizando sessenta e cinco bombeiros, doze bombeiros-auxiliares e inclusive todos os que se encontravam de folga. Na direção dos trabalhos necessários para evitar a propagação de fogo e minimizar os estragos resultantes de consequentes explosões estiveram os chefes operacionais da 1.ª, 4.ª, 5.ª, 7.ª e 8.ª Secção.

Como comandante-geral desta operação esteve presente o chefe da 1.ª Divisão Territorial, coadjuvado pelo chefe de serviço, Alfredo dos Santos, responsável por verificar todo o pessoal presente e o bombeiro n.º 3, José Carlos Martins, que registou a ocorrência.

Os trabalhos de rescaldo foram dados como concluídos às 11h56, ficando de prevenção no local sete bombeiros

do Quartel n.º 8, três da Estação n.º 17 e três da Estação n.º 18 do Jardim do Regedor, com o respetivo material.

Às 12h40, o oficial de serviço no Regimento de Artilharia 1 liga, pela rede militar para a Central Telefónica, a pedir ajuda aos bombeiros pelo *“rebentamento de várias granadas dirigidas da serra de Monsanto por causa da revolução”*, pois estavam a provocar grandes estragos em toda a propriedade e edifícios do Regimento, na freguesia de São Mamede.

As viaturas do Corpo de Bombeiros Municipais, a autobomba n.º 1 e as escadas Magirus n.º 7, vinte e dois homens e mais os bombeiros n.º 182 e 230 que estavam de folga, juntaram-se aos soldados de Artilharia que tentavam sem descanso, com o seu equipamento, abafar os pontos de fogo.

Na direção dos trabalhos estiveram os chefes da 3.ª Secção, Alfredo Lacerda, e o chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso. O registo da ocorrência e do pessoal foi da responsabilidade do bombeiro n.º 30, Guilherme Eduardo Ferreira, chefe de serviço neste dia.

Às 12h45, soa o alarme na Central dado pelo Sr. Henrique Pereira através do telefone da Estação n.º 21 de *“rebentamento de granadas por causa da revolução dirigidas da serra*

(s/autor) Revolta Monárquica de Monsanto — o povo visitando a artilharia republicana nos terrenos do Parque Eduardo VII, no dia seguinte à rendição dos revoltosos. 1919. Arquivo Municipal de Lisboa — PT/AMLSB/EFC/001929.





de Monsanto” que estavam a cair sobre os telhados dos prédios na rua do Conde das Antas e já tinham destruído as águas-furtadas do n.º 73, onde irrompia um violento incêndio.

Compareceram ao aviso o chefe da 1.ª Divisão, o ajudante e os chefes da 3.ª e 5.ª Secção, dirigindo sessenta homens distribuídos pela autobomba n.º 1, bombas *Flaud* n.º 14 e 21, auto 1.º socorro n.º 17, escadas Magirus n.º 1 e 7 e os carrinhos de mangueiras n.º 2, 4 e 10. Como ajuda a estes operacionais, juntaram-se os bombeiros n.º 260, 227, 182 e 162 que estavam de folga e tiveram conhecimento do sinistro.

O fogo foi combatido com agulhetas e várias mangueiras *“atarrachadas às bocas de incendio existentes no mesmo predio e nos proximos”* e dado como extinto cerca das 14h.

O único ferido a registar com gravidade nesta ocorrência foi o bombeiro-condutor auxiliar n.º 61 da bomba *Flaud* n.º 21, que ao subir ao 1.º andar do prédio por umas escadas de gancho, um dos degraus parte-se e este fere-se num joelho.

Quem regista no local a parte deste sinistro e de todos os meios envolvidos é o chefe de serviço do Corpo, bombeiro n.º 30, Guilherme Eduardo Ferreira.

De prevenção ao rescaldo ficam três bombeiros do Quartel

n.º 4, seis do Quartel n.º 8, dois do Quartel n.º 10, um bombeiro-auxiliar da Estação n.º 17 e dois da Estação n.º 18. Devido à gravidade do sinistro comparecem dois guardas, sob as ordens do 1.º cabo da Guarda Cívica que registam a responsabilidade civil do acontecimento.

Neste mesmo dia, fora dos ataques da guerrilha provenientes da Serra de Monsanto, a vida continuava o seu curso habitual e, às 8h05 da manhã, um telefonema de alarme de fogo é registado pela Central dos Bombeiros.

Na causa deste princípio de incêndio esteve a fuligem depositada nas paredes de uma chaminé por falta de limpeza que, por sua vez, pegou fogo ao fogão da cozinha do 2.º andar do prédio n.º 92, na rua das Amoreiras, quando a locatária principiava os afazeres domésticos.

Sob as ordens do chefe da 3.ª Secção, Alfredo Lacerda, dirigiram-se para o local a escada Magirus n.º 7, com quatro homens, a bomba *Flaud* n.º 19, com seis bombeiros-auxiliares. Tendo em conta a localização do sinistro, compareceu o chefe da 5.ª Secção, João Victor Pedroso, acompanhado por oito bombeiros e respetiva autobomba, além de mais dois que estavam de folga e que seguiram para outra chamada de socorro.



(s/autor) As forças fiéis ao governo da República que derrotaram a revolta monárquica de Monsanto. 1919. Arquivo Municipal de Lisboa – PT/AMLSB/EFC/001925.

Pouco depois de o fogo ter sido dado como dominado e extinto, ficaram de prevenção quatro bombeiros e o auxiliar n.º 61 da Estação n.º 21.

Não se imaginava que este bombeiro-auxiliar viria a ter um trabalho imenso durante toda a manhã deste dia, devido aos constantes chamamentos consequentes das explosões das granadas, carregando com o malote das mangueiras para a rua das Amoreiras, do Arco de Carvalhão e de Campolide. É no incêndio da rua do Conde das Antas que, lamentavelmente, vem a sofrer um ferimento grave num joelho.

...

Na História do Socorro na cidade de Lisboa ficariam para sempre registados dois dias de trabalho árduo e ininterrupto do Corpo dos Bombeiros Municipais (CBM), cuja presença nas ocorrências revela serem quase sempre os mesmos homens pela proximidade dos locais e dos pedidos de socorro contínuos.

Os revoltosos sediados em Monsanto, ao longo destes dois dias, foram sendo cercados pelas forças fiéis à República e

depressa ficaram sem mantimentos, sem munições e com fracas possibilidades de escapar, acabando por inevitavelmente assim acontecer ao serem presos no forte de Monsanto.

Após a derrota monárquica em Lisboa, impunha-se a derrota do regime monárquico no Porto, cuja inconsistência militar e política levou à vitória republicana a 13 de fevereiro, terminando para sempre as pretensões de regresso à Monarquia.



Fonte

Regimento de Sapadores Bombeiros, *Livro de Partes de Fogo e Serviços Diversos*, n.º 136 – janeiro de 1919 (original).

Bibliografia

SILVA, Helena Moreira da, *Monarquia do Norte – 1919*, 1.ª edição, Matosinhos: Quidnovi, 2008.





CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS
Av. D. Carlos I, 1249 – 071 Lisboa